

MEMÓRIA DA ESCOLA: subsídios para a construção da identidade.

Maria Aparecida Franco Pereira
UNISANTOS

Os estudos sobre a memória, de respeitadores pensadores,¹ servem de suporte para que apuremos a importância do conceito para a educação na conjuntura atual.

A escola brasileira há décadas sofre a crise de identidade num mundo que se transformou célere, dando a impressão de que ela “perdeu o bonde da história”. A luta dos que militam por uma busca de caminhos para resolver, com radicalidade, seus problemas deve encontrar também na História da Educação elementos para a reflexão.

Assim buscam-se, nesse “boom” dos estudos sobre a memória, subsídios para contribuir nessa reflexão. A preservação das fontes documentais, que dão substrato a esses estudos, merece um lugar destacado nos dias de hoje. A escola torna-se, então, um dos “lugares da memória”, privilegiado, diga-se de passagem.

Essa salvaguarda da memória pretende desenvolver na comunidade escolar a consciência do valor da preservação do patrimônio histórico e desenvolver verdadeiramente a responsabilidade do cidadão diante da sua comunidade e da nação, como ingrediente do seu ser cidadão.

Estamos numa época em que inúmeros são os recursos auxiliares à memória e muitas vezes o seu valor passa despercebido, embora hoje se assista a um desejo do seu resgate.

No passado, o mesmo não acontecia nas sociedades sem escrita, de tradição oral. Na Grécia Antiga (séculos XII ao VIII), a Menomomyne, a memória, tinha o status de divindade. Toda a tradição e os valores orientadores da educação a serem transmitidos eram organizados

¹ Cf. Pierre NORA, Maurice HALBWACHS, Michel POLLAK e J.Pierre VERNANT, que utilizamos em nosso texto.

oralmente. Era assim que os gregos educavam os seus jovens, conheciam o seu passado, a história de seu grupo. A “Ilíada” e a “Odisséia”, atribuídas a Homero, cantando os efeitos dos heróis, e a “Erga” (“Os trabalhos” e “Os dias”) de Hesíodo, o cotidiano e o valor do trabalho, são memorizadas e recitadas pelos jovens helenos. Tão grande era a importância, que no inferno, no Hades, deve-se evitar a fonte do esquecimento, não beber no Letes, deve-se nutrir da fonte da memória, fonte da imortalidade.

Destacamos, aqui neste estudo, a memória e sua relação com a identidade. A identidade² permite ao indivíduo se localizar em um conjunto social e é produto das suas interações com o seu ambiente societário. Expressa-se por um sentimento de referência e de identificação com um grupo.

Nos dias de hoje a questão da identidade torna-se mais premente no mundo, quando as especificidades de uma nação se encontram perdidas na totalidade de uma visão de globalização, quando se sente a ameaça da perda da identidade. A existência de processos globais – entre eles as tecnologias de comunicação – transcendem os grupos, as classes, as nações. Vive-se uma civilização transacional. Uma cultura mundializada, segundo R.Ortiz, corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou, superou as fronteiras dos Estados-nação; busca-se a homogeneização dos hábitos e do pensamento. As pessoas se tornam mais próximas, o mundo fica cada vez menor e idêntico, onde há uma nova maneira de estar e de ver o mundo, a estandarização dos diferentes domínios, a velocidade das trocas e a padronização dos produtos, das estruturas de relações sociais etc. O mundo está cada vez mais idêntico, em função dos ditames do consumo, numa ordem capitalista.

² Utilizamos para a questão, o verbete em PLUMMER, Ken. Identidade. In: OUTHWAITE, William & BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 369-371. CUCHE, Denys. Cultura e identidade. In: ----. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. p.175-202.

A mundialização³ da cultura, “tradição da modernidade”, estrutura a vida social, através dos “ seus objetos eletrônicos, sua concepção célere do tempo e de um espaço desencaixado”; as novas tecnologias atingem diretamente as noções de espaço e tempo, estimulando a integração e a sincronia. Vive-se o frenesi do efêmero.

Com isso, não queremos dizer que a tradição não se transforme, que a nação deva fossilizar-se. Destaca Renato Ortiz: “O processo de rememoração não é estático e a tradição não é mantida integralmente e as transformações se fazem sob a égide de uma tradição dominante, a memória coletiva”⁴. A memória é atualizada..

A memória coletiva só tem sentido enquanto faz parte da vivência dos seus participantes, da sua vida cotidiana. Halbwachs diz que não existe identidade puramente individual, mas a identidade é sempre social, e a memória cultural é coletiva.

R. Ortiz, em sua obra “Cultura brasileira e identidade nacional “ (p. 135) faz uma distinção entre memória coletiva e memória nacional:

A memória coletiva é da ordem da vivência; a memória nacional se refere a uma história que transcende os sujeitos e não se concretiza imediatamente no seu cotidiano. Ela se vincula à história e pertence ao domínio da ideologia, ela é produto de uma história social, não da ritualização da tradição. Enquanto história, ela se projeta para o futuro e não se limita a uma reprodução do passado considerado como sagrado..

O nacional se define como a conservação das nossas tradições, da memória nacional, daquilo que é nosso. É um discurso de segunda ordem e é universal, dentro do seu raio de ação. Assim, a identidade nacional, a essência da brasilidade, buscada por pensadores famosos de nossa história (Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Cassiano Ricardo, Dante Moreira Leite) é um referencial abstrato, uma construção, pois a realidade do mundo social é multifacetada, composta de valores concretos advindos da vivência social. A memória nacional opera uma transformação simbólica desse mundo vivido, em um discurso

³ ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 3.reimp. São Paulo: Brasiliense, 1998. Baseamo-nos nesta obra para a questão da mundialização .

⁴ Idem, **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 132. Baseamo-nos para a questão de identidade nacional neste texto.

organizado, integrado pelo estado, que define a construção da identidade nacional, na interação das relações do que é popular e do que é nacional.

Se a memória nacional está ligada à ação do Estado a memória coletiva está vinculada a um grupo social, nutrido pelas vivências do cotidiano, das pessoas que o compõem. Peter Berger (citado em Ortiz)⁵ lembra que os universos simbólicos estabelecem, em relação ao passado, “a memória que é partilhada pelos indivíduos que compõem a coletividade; em relação ao futuro, eles definem uma rede de referências para a projeção das ações individuais”.

As várias memórias são mantidas pelo trabalho das celebrações, das comemorações, das suas vivências repetidas, da sua reatualização, mas também, e principalmente, da guarda dos vestígios, dos monumentos que as mantêm vivas.

Colocamos neste estudo memória quase como sinônimo de história. Entendemo-la como todo material deixado pelos grupos, consciente ou inconscientemente. Mas entendemo-la também como lembranças, depoimentos, trabalhados pela história oral. E como tal, lembramos das palavras de Nora:⁶

Memória, história, longe de serem sinônimas, temos consciência de que tudo as opõe. A memória é a vida trazida por grupos vivos e, a esse título, ela está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e de freqüentes revitalizações.

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre presente, um lugar vivido no presente eterno; a história, uma representação do passado. Porque ela é efetiva e mágica, a memória se acomoda apenas aos detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças, leves, confusas, sombrias, chocantes, globais ou flutuantes, vagas, superficiais, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas transmissões, censuras, anteparos ou projeções. A história, porque operação sensível e laicizante, clama análise e discurso crítico [...].

Hallbawachs também diferencia memória de história, embora de um modo diferente. Parece-me que escreveu esta obra, quando imperava a Escola metódica, portanto tinha presente uma concepção de história diferente de Nora, do grupo dos Annales.⁷

⁵ Ainda em **Cultura Brasileira e identidade nacional**, p. 135.

⁶ NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire. La problématique des lieux. Les lieux de mémoire. I** Paris: Gallimard, 1984. p.XIX-XX.

⁷ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. p.59.

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos [...]uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais ainda exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso.

A memória escolar, portanto, está ligada aos elementos humanos da instituição escolar que devem vivificá-las não só através das festas, das comemorações mas também das ações da preservação, da guarda dos documentos não só oficiais (currículos, leis etc.), mas daqueles que deram vida à instituição: história dos mestres(biografias, autobiografias, memórias, depoimentos), dos funcionários, dos alunos de seus familiares; dos objetos, do material escolar (cadernos, manuais didáticos, livros, tinteiros, carteiras etc.), uniformes, aulas, atos disciplinares, festas e comemorações, brincadeiras, jogos, atividades esportivas, atos religiosos; outros suportes da memória (material iconográficos, como fotos, gravura, postais; vídeos, discos, cassetes, jornais estudantis, medalhas), ou seja, de tudo que revele seu passado, a força impulsionadora de uma ação educativa.

A história oral deve ser incentivada. Ecléa BOSI observa: “Se o adulto não dispõe de tempo ou desejo para reconstruir a infância, o velho se curva sobre ela como os gregos sobre a idade de ouro”⁸

A formação de arquivos escolares, centros de documentação, museus não é tão difícil. Já se espalham pelos Estados alguns exemplos. O Centro de Memória da Educação USP é uma experiência pioneira a se imitar. O Centro da Memória da UNICAMP dedica-se à história social de Campinas e adjacências.⁹ O Departamento de História da Universidade

⁸ **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 83.

⁹ SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. O exemplo do Centro da Memória da Unicamp. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org). **Arquivos, fontes e novas tecnologias:** questões para a história da educação. Bragança Paulista: Universidade...S.Francisco; São Paulo: Autores Associados, 2000, p. 63-74.

Católica de Santos começa a organizar sua Memória da Escola, agrupando já um pequeno acervo de objetos, fotos, fontes primárias e manuais escolares. Tem, porém, um bem organizado Centro de Documentação da Baixada Santista, com presença de serviço na região, onde se encontram também materiais para a História da Educação. Exemplos de museus se espalham já por aí.¹⁰

É preciso que se desenvolva uma política institucional de preservação e de organização das fontes¹¹; que se preocupe em organizar, já pensando no futuro dos materiais dos arquivos escolares correntes; que se procure desenvolver uma mentalidade de preservação nas unidades de ensino; que se incentive a coleta de doações das fontes de particulares, que se organize os arquivos de história oral, com as diversas vozes que compõem o universo da escola; que se introduza na disciplina História da Educação unidades sobre a organização da memória, com apoio teórico para sua análise etc., etc. E tornar tudo isso visível, na era das imagens.

Essas são algumas reflexões para o desenvolvimento da memória escolar, que possivelmente trarão subsídios para a recuperação do papel da escola brasileira.

¹⁰ Na mesma obra conjunta referida na nota anterior, há relato dessas experiências.

¹¹ VIDAL, Diana Gonçalves, HILSDORF, Maria Lúcia. O Centro de Memória da Educação (USP): Acervo documental e pesquisas em História da Educação. In: MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória, História: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p.179.